

# Veredas

## Revista de Estudos Linguísticos

<https://periodicos.ufrj.br/index.php/veredas/index>

### "Tem de pagar" ou "há de pagar"? As construções modalizadoras [ter de infinitivo] e [haver de infinitivo] no Ensino Médio: uma proposta didática com base na Linguística Funcional Centrada no Uso

### "Tem de pagar" or "há de pagar"? The modalizing constructions [ter de infinitivo] and [haver de infinitivo] in high school: a didactic proposal based on Usage-Based Functional Linguistics

Líneker Trajano dos Santos<sup>1</sup>

*Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte, Brasil*

#### RESUMO

Este artigo apresenta uma proposta didática para o ensino das construções modalizadoras [ter de infinitivo] e [haver de infinitivo] no Ensino Médio, fundamentada na Linguística Funcional Centrada no Uso e na Gramática de Construções. Embora recorrentes no português brasileiro contemporâneo, essas construções raramente recebem tratamento sistemático na escola, sendo listadas como locuções verbais sem exploração de seus valores semânticos e pragmáticos. Com base em 3.650 ocorrências do *Corpus do Português*, demonstra-se que, embora ambas compartilhem o campo semântico da modalização deontica, diferem em graus de subjetividade e em possibilidades semântico-pragmáticas, com destaque para a especialização de [haver de infinitivo] na expressão da modalidade volitiva. A proposta, organizada em três etapas — sensibilização, análise e produção —, fundamenta-se em Bispo, Cordeiro e Lucena (2022), Vieira (2017, 2018) e nas orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os resultados esperados incluem o desenvolvimento da consciência metalinguística dos estudantes e a ampliação de seu repertório gramatical-comunicativo.

#### PALAVRAS-CHAVE:

Modalização. Construção [ter de infinitivo]. Construção [haver de infinitivo]. Linguística Funcional Centrada no Uso. Ensino Médio.

#### ABSTRACT

This article presents a didactic proposal for teaching the modalizing constructions [ter de infinitivo] and [haver de infinitivo] in Brazilian high school, grounded in Usage-Based Functional Linguistics and Construction Grammar. Although recurrent in contemporary Brazilian Portuguese, these

Recebido em: 01/04/2026

Aceito em: 14/08/2026

<sup>1</sup> E-mail: [prof.linekertrajano@gmail.com](mailto:prof.linekertrajano@gmail.com) | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4401-2076>

constructions rarely receive systematic treatment in school, being listed as verb phrases without exploration of their semantic and pragmatic values. Drawing on 3,650 occurrences from the *Corpus do Português*, this study demonstrates that, although both share the semantic field of deontic modalization, they differ in degrees of subjectivity and in semantic-pragmatic possibilities, notably the specialization of [haver de infinitivo] in the expression of volitional modality. The proposal, organized in three stages — awareness-raising, analysis, and production —, is grounded in Bispo, Cordeiro and Lucena (2022), Vieira (2017, 2018), and the guidelines of the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC). The expected outcomes include the development of students' metalinguistic awareness and the expansion of their grammatical-communicative repertoire.

#### KEYWORDS:

Modalization. Construction [ter de infinitivo]. Construction [haver de infinitivo]. Usage-Based Functional Linguistics. High school.

## 1. Introdução

As construções *[ter de infinitivo]* e *[haver de infinitivo]* figuram entre os recursos modalizadores mais produtivos do português brasileiro contemporâneo. Os enunciados a seguir, extraídos de textos de gêneros distintos em circulação na web, exemplificam a variedade de contextos em que esses padrões ocorrem:

(1) *como o trojan nao funciona no linux, eu apenas sei que **tenho de reconfigurar** o modem novamente.* [Corpus do Português – SANTOS, 2023]

(2) *Eu é que **tenho de agradecer** à LETRAMAGNA pelo privilégio de participar como um de seus entrevistados nesta sua edição comemorativa. É um grande prazer.* [Corpus do Português – SANTOS, 2023]

(3) *A oposição ainda **há de se desculpar** pelo que fez enquanto governou o país.* [Corpus do Português – SANTOS, 2023]

(4) *Boa viagem pra ti, Diego! Um dia ainda **hei de ver** os bonecos gigantes de Olinda e ouvir frevo e maracatu in loco... Érica.* [Corpus do Português – SANTOS, 2023]

As quatro ocorrências acima compartilham uma mesma propriedade estrutural: todas apresentam um verbo auxiliar (ter ou haver) seguido de preposição (de) e um verbo no infinitivo. Do ponto de vista semântico, todas envolvem, em maior ou menor grau, a noção de obrigação ou necessidade. Mas por que, então, o falante de (1) usa *ter de* ao indicar uma necessidade imposta por circunstâncias técnicas externas, enquanto o de (4) usa *haver de* para expressar um desejo íntimo de que algo ocorra? Por que em (3) “*há de se desculpar*” soaria estranha se substituída por “*tem de se desculpar*” — e vice-versa em alguns contextos?

Essas questões, aparentemente simples, revelam que as construções *[ter de infinitivo]* e

*[haver de infinitivo]* — embora historicamente relacionadas e semanticamente próximas — não são intercambiáveis em todos os contextos. Elas constituem, cada qual, um padrão construcional distinto, com especificidades semânticas, pragmáticas e de registro que refletem escolhas comunicativas dos falantes e escreventes do português brasileiro (PB) contemporâneo.

Apesar de serem estruturas de alta frequência de uso, essas construções raramente recebem tratamento aprofundado nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio. As gramáticas escolares em geral as listam como perífrases verbais de obrigação, sem explorar as diferenças entre elas, sem analisar os sentidos que produzem em contexto e sem articular esse conhecimento gramatical à leitura e à produção de textos.

É diante desse cenário que o presente artigo se propõe a apresentar uma proposta didática para o trabalho com as construções modalizadoras *[ter de infinitivo]* e *[haver de infinitivo]* no Ensino Médio, fundamentada nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e nos princípios da Gramática de Construções (GC). A proposta incorpora ocorrências reais extraídas do *Corpus do Português*, resultantes de pesquisa de doutoramento (SANTOS, 2023), e tem como horizonte teórico e metodológico as contribuições de Bispo, Cordeiro e Lucena (2022) sobre funcionalismo linguístico e ensino, as propostas de Vieira (2017, 2018) acerca dos eixos para o ensino de gramática e do diagnóstico sobre o componente gramatical nos materiais didáticos, bem como pesquisas internacionais de referência no campo do ensino baseado em uso (SCHLEPPEGRELL, 2004; DEREWIANKA; JONES, 2016).

O artigo está organizado da seguinte forma: a seção 2 delinea o referencial teórico, com ênfase na LFCU, na GC e nos fundamentos da modalização; a seção 3 discute as bases pedagógicas para o ensino de gramática orientado pelo uso, com destaque para Bispo, Cordeiro e Lucena (2022) e Vieira (2017, 2018); a seção 4 apresenta a caracterização das construções estudadas com base em *corpus*; a seção 5 descreve a proposta didática em suas três etapas; e a seção 6 apresenta as considerações finais.

## **2. Referencial teórico**

### **2.1 Linguística Funcional Centrada no Uso**

A LFCU é a perspectiva teórica que fundamenta este trabalho. Trata-se de uma vertente do

---

funcionalismo linguístico brasileiro que, segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), reúne contribuições da Linguística Funcional norte-americana — representada por autores como Givón (1979, 1995, 2001), Hopper (1979, 1987, 1988), Hopper e Traugott (2003) e Bybee (2010) — e da Linguística Cognitiva, notadamente Lakoff e Johnson (2002) e Langacker (1987, 1991). A essa base, a LFCU incorpora os pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Um dos fundamentos da LFCU é o de que gramática e discurso são faces de uma mesma moeda: a gramática emerge do uso, ou seja, os padrões gramaticais se formam e se consolidam a partir de instâncias recorrentes de uso da língua em contextos comunicativos reais (BYBEE, 2010). Isso tem implicações diretas para o ensino, pois pressupõe que o estudo das construções gramaticais deve ser feito a partir de textos autênticos que espelhem o uso real da língua pelos falantes.

No que concerne à relação entre forma e função, a LFCU propõe que essa relação é motivada: escolhas formais refletem motivações semânticas, cognitivas e discursivo-pragmáticas. O princípio de isomorfismo, por exemplo, postula que diferenças de forma correspondem a diferenças de significado ou uso. Esse princípio é particularmente relevante para o objeto deste artigo: as construções *[ter de infinitivo]* e *[haver de infinitivo]*, embora formalmente semelhantes, apresentam especificidades semânticas e pragmáticas que as distinguem em determinados contextos de uso.

Outro conceito central da LFCU é o de frequência. Para Bybee (2010), a frequência de uso de uma construção — tanto em termos de token (número de ocorrências) quanto de type (diversidade de verbos recrutados) — é um indicador de seu grau de entrenchamento na memória dos falantes, ou seja, de quanto ela está consolidada como padrão linguístico. A pesquisa de *corpus* que subsidia este artigo mostra que *[ter de infinitivo]* apresenta 1798 tokens e 485 types, ao passo que *[haver de infinitivo]* apresenta 960 tokens e 308 types. Essa disparidade não é trivial: ela reflete que *ter de* é a construção de obrigação/necessidade mais entrenchada no PB contemporâneo, enquanto *[haver de infinitivo]* ocupa uma posição mais restrita no domínio da obrigação, tendo-se especializado, sobretudo, na expressão de valores volitivos e epistêmicos.

## **2.2 Gramática de Construções**

A GC é um modelo teórico que propõe que o conhecimento linguístico do falante é

---

organizado como uma rede de construções — pareamentos simbólicos e convencionalizados de forma e sentido (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001). Nessa perspectiva, tanto os morfemas mais simples quanto as estruturas sintáticas mais complexas são analisados como construções. Um dos desdobramentos mais relevantes para nossa análise é o modelo de Traugott e Trousdale (2013), que trata da organização das construções em redes hierárquicas.

A construção aqui investigada, [V1AUX Prep V2INF], constitui um esquema mais abstrato no nível superior dessa rede. Abaixo dele, os padrões [*ter de infinitivo*] e [*haver de infinitivo*] funcionam como subesquemas — instâncias parcialmente especificadas do esquema mais geral. Cada subesquema, por sua vez, é instanciado por construtos específicos (as ocorrências concretas no uso), como “*tenho de pagar*”, “*terei de apresentar*”, “*hei de ver*”, “*haverá de ocorrer*”, entre inúmeros outros.

Do ponto de vista pedagógico, essa hierarquia é relevante porque permite ao professor trabalhar tanto com o padrão abstrato (a construção como um todo) quanto com os padrões específicos e suas particularidades, evitando a descrição fragmentada e desarticulada que caracteriza o tratamento tradicional das perífrases verbais.

Quanto às propriedades construcionais, Traugott e Trousdale (2013) propõem que as construções podem ser avaliadas em termos de esquematicidade (grau de abstração ou especificação do padrão), produtividade (extensão com que a construção sanciona novos exemplares) e composicionalidade (grau em que o sentido do todo decorre da soma das partes). No que diz respeito às construções em foco: [*ter de infinitivo*] demonstrou alta produtividade, com 485 types diferentes; e seus usos são majoritariamente composicionais — o sentido de obrigação pode ser derivado do conhecimento acumulado sobre os sentidos de *ter*, *de* e o verbo principal. Já [*haver de infinitivo*] é menos produtivo (308 types) e apresenta maior grau de não-composicionalidade em usos como “*Há de dar tudo certo*” (sentido volitivo/profético) ou “*Hei de ver os bonecos de Olinda*” (determinação íntima).

### **2.3 Modalização: o campo semântico das construções investigadas**

A modalidade é uma categoria semântico-gramatical que permite ao falante expressar sua

---

atitude em relação ao conteúdo proposicional de seu enunciado — se considera o evento obrigatório, necessário, possível, desejável, provável, entre outras possibilidades. A literatura sobre o tema é vasta (cf. FLEISCHMAN, 1982; SWEETSER, 1990; COATES, 1983; GIVÓN, 2001; NEVES, 2000, 2002), e os recortes são variados, mas a distinção mais fundamental é entre modalidade deôntica e modalidade epistêmica.

A modalidade deôntica refere-se à expressão de obrigação, necessidade, permissão e proibição — portanto, ao que deve ou não deve ocorrer em função de normas, convenções sociais ou circunstâncias externas. A epistêmica, por sua vez, diz respeito a graus de certeza ou probabilidade: o que o falante crê que provavelmente é o caso, ou o que considera como verdadeiro com base em evidências ou conjecturas.

Acrescenta-se a essas a modalidade volitiva, que expressa desejos, intenções e aspirações do falante. Segundo Givón (2001), esse tipo de modalidade se posiciona entre a deôntica (o que deve ocorrer) e a epistêmica (o que provavelmente ocorrerá), caracterizando enunciados em que o falante manifesta o que deseja que aconteça, frequentemente de forma intensa e subjetivamente marcada.

No caso das construções aqui estudadas, [*ter de infinitivo*] especializa-se na expressão da modalidade deôntica de necessidade/obrigação, com sentido básico equivalente a 'é necessário que' ou 'é obrigado a'. Já [*haver de infinitivo*] apresenta polissemia mais acentuada: além do valor deôntico de obrigação (compartilhado com *ter de* em alguns contextos), veicula valores que se alinham à modalização epistêmica (crenças, suposições, previsões) e volitiva (desejos intensos, imprecações), de modo que os dois padrões, embora semanticamente próximos, apresentam especializações funcionais próprias, detalhadas na seção 4.

### **3. Ensino de gramática orientado pelo uso: bases teóricas e pedagógicas**

O debate em torno do ensino de gramática no Brasil tem avançado de forma expressiva nas últimas décadas, sobretudo a partir da consolidação da Linguística como ciência de referência para a formação de professores e para a elaboração de materiais didáticos. Dois eixos articuladores emergem com especial relevância para o presente trabalho: a perspectiva funcionalista de interface com o ensino, representada aqui por Bispo, Cordeiro e Lucena (2022), e a perspectiva diagnóstica e propositiva de Vieira (2017, 2018) sobre os eixos pedagógicos para o tratamento do componente

---

gramatical na escola.

### **3.1 A perspectiva funcionalista: três fases em direção ao ensino**

Bispo, Cordeiro e Lucena (2022) mapeiam o percurso das pesquisas funcionalistas brasileiras em sua aproximação com o ensino de língua portuguesa. Os autores identificam três fases distintas: (i) a fase do diálogo teórico, em que se busca evidenciar a convergência entre premissas funcionalistas e diretrizes curriculares; (ii) a fase das sugestões metodológicas, em que se indicam encaminhamentos para a prática pedagógica sem intervenção direta em sala de aula; e (iii) a fase intervencionista, caracterizada pela elaboração e aplicação de propostas pedagógicas concretas em contextos reais de ensino. Os autores defendem, assim, a existência de três fases nessa relação:

"a de identificação de aproximações, em termos de postulados, objetivos e procedimentos de investigação; a de indicação de desdobramentos teórico-metodológicos para a sala de aula; a de elaboração e aplicação de propostas intervencionistas". (BISPO; CORDEIRO; LUCENA, 2022, p. 193-194)

A partir dessa tipologia, situamos o presente artigo explicitamente na terceira fase: propomo-nos a elaborar uma sequência didática ancorada em resultados empíricos de pesquisa de *corpus* e orientada pelas diretrizes da BNCC, com atividades concretas destinadas ao Ensino Médio. Nesse sentido, o trabalho não apenas descreve o fenômeno linguístico, mas o converte em objeto de ensino, seguindo o percurso indicado pelos autores como necessário para que a pesquisa funcionalista gere impacto pedagógico efetivo.

Também relevante para o presente trabalho é o princípio de que construções linguísticas frequentemente utilizadas como blocos formulaicos — os chamados *chunks* — demandam tratamento didático específico, distinto do que se aplica a construções mais composicionais. Esse princípio incide diretamente sobre o caso de *[haver de infinitivo]* em seus usos mais convencionalizados (como *há de dar tudo certo*, *hei de conseguir*), que não podem ser ensinados apenas pela análise de suas partes constituintes, mas exigem que o estudante reconheça o padrão como um todo.

### **3.2 Eixos para o ensino de gramática: a contribuição de Vieira**

---

Uma contribuição fundamental para a organização pedagógica da proposta aqui apresentada é a de Vieira (2017), que propõe três eixos articuladores para o ensino de gramática na escola: (i) o eixo da reflexão linguística, centrado no desenvolvimento da consciência metalinguística do estudante; (ii) o eixo da variação e mudança, que coloca em evidência a heterogeneidade da língua e a legitimidade de diferentes formas de uso; e (iii) o eixo da norma, que trata das convenções do uso culto e formal, situando-as como uma entre outras variedades, não como o único padrão legítimo.

Esses três eixos são particularmente produtivos para o tratamento das construções aqui estudadas. O eixo da reflexão linguística é acionado quando se pede ao estudante que analise por que “há de se desculpar” e “tem de se desculpar” produzem efeitos distintos no mesmo contexto. O eixo da variação e mudança é mobilizado quando se observa que [haver de infinitivo], menos frequente e especializado na expressão de valores volitivos e epistêmicos, convive com [ter de infinitivo], padrão de obrigação mais amplo e entrincheirado no PB contemporâneo. O eixo da norma emerge quando se discute que, embora “há de dar tudo certo” seja um uso consagrado e frequente na língua, ele não costuma aparecer em textos técnicos ou acadêmicos — o que é um dado sobre registro, não sobre correção.

Em trabalho posterior, Vieira (2018) realiza uma diagnose sobre o tratamento do componente gramatical nos cadernos pedagógicos da rede municipal de ensino, evidenciando que os materiais didáticos analisados tendem a privilegiar a metalinguagem — a nomenclatura gramatical — em detrimento da reflexão sobre os sentidos que as construções produzem no uso. Esse diagnóstico reforça a pertinência de propostas como a que aqui desenvolvemos: ao trabalhar com as construções modalizadoras a partir de textos autênticos e atividades reflexivas, buscamos exatamente suprir essa lacuna identificada por Vieira, deslocando o foco do nome para a função, do rótulo para o sentido.

No âmbito internacional, os trabalhos de Schleppegrell (2004) e de Derewianka e Jones (2016) oferecem perspectivas complementares. Schleppegrell argumenta que a linguagem da escola exige que os estudantes dominem construções gramaticais complexas cujo significado é determinado pelo contexto discursivo — e que o ensino deve tornar esse funcionamento explícito e reflexivo. Derewianka e Jones, por sua vez, demonstram, com base em pesquisas australianas de ensino baseado em gêneros, que uma abordagem pedagógica ancorada em textos autênticos e na reflexão sobre escolhas linguísticas favorece o desenvolvimento da consciência metalinguística dos

---

estudantes.

A articulação entre essas perspectivas — funcionalismo linguístico (BISPO; CORDEIRO; LUCENA, 2022), pedagogia da gramática (VIEIRA, 2017, 2018) e ensino baseado em gêneros (SCHLEPPEGRELL, 2004; DEREWIANKA; JONES, 2016) — constitui o quadro pedagógico-metodológico que orienta a proposta didática desenvolvida na Seção 5.

#### **4. As construções modalizadoras [ter de infinitivo] e [haver de infinitivo]: caracterização com base em *corpus***

##### **4.1 Propriedades formais**

As construções [*ter de infinitivo*] e [*haver de infinitivo*] integram o subesquema da construção mais geral [V1AUX Prep V2INF]. Em ambas, o verbo que ocupa o slot V1 — *ter* e *haver*, respectivamente — perdeu suas propriedades de verbo pleno: *ter* não exprime posse; *haver* não exprime existência. Ambos funcionam como auxiliares modais, delegando ao padrão construcional como um todo a responsabilidade pelo significado deôntico/epistêmico/volitivo que o enunciado produz.

Em termos morfossintáticos, a pesquisa de Santos (2023) demonstrou que o padrão [*ter de infinitivo*] é o mais produtivo e flexível dos quatro subesquemas investigados<sup>2</sup>, admitindo ocorrências em praticamente todas as flexões verbais do PB: *tenho de*, *tinha de*, *tive de*, *terei de*, *teria de*, *tenha de*, entre outras. O padrão [*haver de infinitivo*] também apresentou variabilidade flexional considerável, com ocorrências como *hei de*, *há de*, *havia de*, *houve de*, *haverá de*, *haveria de*, *houvera de*, o que contrariou a hipótese inicial de maior restrição flexional para esse padrão.

Do ponto de vista distribucional, ambos os padrões admitem sujeitos de todas as pessoas gramaticais e ocorrem em variados gêneros e domínios discursivos. No entanto, há uma assimetria de frequência e de contextos de uso: [*ter de infinitivo*] apresentou 1798 tokens e 485 types na amostra investigada, ao passo que [*haver de infinitivo*] apresentou 960 tokens e 308 types. Essa diferença reflete, entre outros fatores, o processo histórico de substituição progressiva de *haver* por *ter* no PB, que levou ao recuo de *haver* como verbo auxiliar de obrigação e favoreceu sua especialização em usos expressivamente marcados, notadamente os de valor volitivo (cf. COELHO,

---

<sup>2</sup> A pesquisa investigou, além dos subesquemas aqui analisados, os padrões [*ficar de infinitivo*] e [*estar para infinitivo*], excluídos deste artigo por questões metodológicas.

---

2006; MATTOS E SILVA; MACHADO FILHO, 2002).

Os dados de *corpus* permitem, ainda, observar que os verbos mais recorrentes no slot V2 de *[ter de infinitivo]* pertencem majoritariamente às categorias semânticas de verbos materiais e relacionais (fazer, ser, ter, pagar, sair, ir, trabalhar), ao passo que *[haver de infinitivo]* apresenta uma distribuição semântica também variada (fazer, ser, dar, ver, ter, vir, falar), mas com maior presença de verbos cognitivos e comunicativos em contextos de crença e desejo.

#### 4.2 Propriedades funcionais: valores modais em contexto

A distinção semântica central entre os dois padrões pode ser assim resumida: *[ter de infinitivo]* especializa-se na expressão da modalidade deôntica com valor de necessidade/obrigação, com sentido básico equivalente a 'X é obrigado a / é necessário que X'. Já *[haver de infinitivo]* apresenta polissemia mais acentuada, abrangendo não só valores deônticos de obrigação, mas também valores epistêmicos e volitivos. Vejamos como isso se manifesta nas ocorrências reais extraídas do *corpus*.

Os dados (5) a (7) ilustram usos prototípicos de *[ter de infinitivo]*:

(5) *Jairzinho teve de se desculpar. Por mandar bandeira 'lavar roupa'.* [*Corpus do Português* – Santos, 2023]

(6) *O partido que tiver as contas rejeitadas terá de pagar uma multa, mas continuará recebendo verba do Fundo Partidário.* [*Corpus do Português* – Santos, 2023]

(7) *Quantas drogas lícitas tive de tomar sorrindo e sem vontade? Sem contar o estresse de manter o controle enquanto sentia náuseas.* [*Corpus do Português* – Santos, 2023]

Em (5), a ocorrência “teve de se desculpar” implica uma obrigação externa ao sujeito: a situação criada por sua atitude gerou uma pressão social que o forçou a pedir desculpas. Em (6), “terá de pagar uma multa” configura uma obrigação por norma ou regulamento — o partido não tem escolha, pois a ação é imposta por um sistema externo. Em (7), “tive de tomar” demonstra uma obrigação imposta pelas circunstâncias de saúde do falante, com caráter passivo marcado pela locução “sem vontade”. Em todos os casos, o sentido aproximado é o de 'X foi/é/será obrigado a'.

Note-se que em nenhuma dessas ocorrências seria natural substituir *ter de* por *haver de* sem provocar deslocamento de sentido ou de registro. Nas frases (5), (6) e (7), a substituição produziria

construtos como “houve de se desculpar”, “haverá de pagar”, “houve de tomar”, que soariam marcados, incomuns ou com sentido alterado. Isso é evidência da não-intercambialidade plena entre os dois padrões.

As ocorrências (8) e (9), por sua vez, ilustram contextos em que os dois padrões veiculam valores próximos de necessidade/obrigação — proximidade que, como se discute a seguir, não autoriza tratá-los como formas em concorrência:

(8) *faço o que **tenho de fazer** e quando acabo, volto e faço hambúrgueres.* [Corpus do Português – Santos, 2023]

(9) *O primeiro questionamento que **se há de fazer** é se uma pessoa que tem um problema ginecológico está inapta para o concurso.* [Corpus do Português – Santos, 2023]

Em (8) e (9), os construtos *tenho de fazer* e *se há de fazer* veiculam, grosso modo, sentido de necessidade/obrigação. Essa proximidade semântica, contudo, não autoriza tratar os dois padrões como variantes em concorrência: para tanto, seria preciso que ocorressem no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, o que não se verifica no par em análise. Em (8), o enunciado é construído em primeira pessoa, e a obrigação recai diretamente sobre o falante; em (9), a sentença é impessoal, formulada em terceira pessoa, e o valor de obrigação é assegurado pela construção [há que] — subjacente a *que se há de fazer* —, e não pelo composto [haver de infinitivo] isoladamente. Nesse contexto, a eventual concorrência se daria entre as construções [há que se fazer] e [que se há de fazer], ambas expressando obrigação, tal como [ter de fazer], e não entre [ter de infinitivo] e [haver de infinitivo] tomadas globalmente. Os dados evidenciam, assim, que a proximidade semântica entre os dois padrões não implica intercambialidade: as restrições morfossintáticas e discursivas de cada contexto condicionam a seleção de uma ou de outra construção.

Os dados de (10) a (12) demonstram os usos mais específicos de *[haver de infinitivo]*, que se distanciam do sentido prototípico de *[ter de infinitivo]*:

(10) *A oposição ainda **há de se desculpar** pelo que fez enquanto governou o país.* [Corpus do Português – Santos, 2023]

(11) *Um dia ainda **hei de ver** os bonecos gigantes de Olinda e ouvir frevo e maracatu in loco...* [Corpus do Português – Santos, 2023]

(12) ***Há de dar** tudo certo na tua vida daqui pra frente.* [Corpus do Português – Santos, 2023]

---

Em (10), “há de se desculpar” veicula uma modalidade deôntica com forte carga subjetiva e avaliativa: o falante (um parlamentar) está expressando que a oposição deve pedir desculpas — não em função de uma norma objetiva, mas em função do que ele próprio considera justo. Esse uso evidencia a participação do falante no estabelecimento do sentido de obrigação, o que Givón (2001) denominaria de modalidade orientada para o falante.

Em (11), “hei de ver” expressa uma obrigação íntima — aquilo que o falante deseja firmemente que aconteça. O sentido básico é o de volição intensa: ‘quero muito e serei capaz de’. Esse tipo de uso se alinha ao que Almeida (1978) chamava de “futuro profético” para *haver de*, indicando a crença firme do falante de que o evento ocorrerá.

Em (12), “há de dar tudo certo” é um exemplo de uso que perpassa sentidos temporais (futuro), modais (desejo/crença de que algo ocorrerá) e pragmáticos (reconfortar o interlocutor em momento difícil). Esse tipo de expressão, altamente convencionalizada no PB, está parcialmente cristalizada como um chunk — um bloco formulaico cujo sentido vai além da soma de suas partes.

Cumpramos destacar, ainda, que a diferença entre os dois padrões não se reduz a uma questão de formalidade. No domínio da modalidade volitiva, [ter de infinitivo] e [haver de infinitivo] encontram-se em distribuição complementar: mesmo em contexto de informalidade, é [haver de infinitivo] a forma que traduz funcionalmente o desejo, por oposição à obrigação. Comparem-se os enunciados *Meu filho tem de passar no vestibular* e *Meu filho há de passar no vestibular*: ambos podem ser empregados numa mesma situação informal — uma conversa entre duas amigas, por exemplo —, mas o primeiro expressa a obrigação de o filho ser aprovado no processo seletivo, ao passo que o segundo expressa o desejo de que a aprovação ocorra. A especialização de [haver de infinitivo] na expressão da modalidade volitiva — função na qual se mostra muito mais produtivo — desmitifica o senso comum de que a diferença entre *ter* e *haver*, e entre as construções que eles integram, se restringiria à maior ou à menor formalidade do contexto.

O Quadro 1 sintetiza as principais diferenças semântico-pragmáticas identificadas entre os dois padrões construcionais:

| Padrão                       | Valor modal central              | Sentido básico                      | Outros valores/usos                       |
|------------------------------|----------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------------|
| [ <i>ter de infinitivo</i> ] | Deôntico (necessidade/obrigação) | X é obrigado a / é necessário que X | Epistêmico em contextos muito específicos |
| [ <i>haver de</i> ]          | Volitivo (função de)             | X deve / X acredita que deva        | Epistêmico (crença,                       |

| Padrão             | Valor modal central         | Sentido básico                   | Outros valores/usos                                     |
|--------------------|-----------------------------|----------------------------------|---------------------------------------------------------|
| <i>infinitivo]</i> | especialização)<br>deontico | e / X deseja intensamente<br>que | suposição, previsão,<br>imprecação); usos como<br>chunk |

Quadro 1 – Valores semântico-pragmáticos de *[ter de infinitivo]* e *[haver de infinitivo]*

Essas distinções, mapeadas com base em *corpus*, evidenciam que as duas construções operam em campos funcionais parcialmente sobrepostos mas não idênticos, o que tem implicações diretas para o tratamento pedagógico que se propõe na seção seguinte.

## 5. Proposta didática: "Tem de pagar" ou "há de pagar"?

### 5.1 Princípios norteadores e alinhamento à BNCC

A proposta que aqui apresentamos adota como princípios norteadores: (i) o trabalho com textos autênticos, retirados de gêneros de circulação real; (ii) a reflexão progressiva sobre as construções, do reconhecimento à análise e à produção; (iii) a articulação entre análise linguística e práticas de leitura e produção textual; e (iv) a valorização dos usos linguísticos variados, sem hierarquizar registros como superiores ou inferiores.

Esses princípios convergem com as habilidades previstas pela BNCC para o Ensino Médio, especialmente aquelas relacionadas à análise linguística e semiótica (BRASIL, 2018): EM13LP07 (reconhecer e analisar as funções das construções perifrásticas em diferentes gêneros textuais), EM13LP08 (ampliar o repertório de recursos linguísticos para a produção de textos), e EM13LP15 (compreender como escolhas linguísticas produzem efeitos de sentido distintos em textos de diferentes gêneros).

Eles se articulam, ainda, aos três eixos para o ensino de gramática propostos por Vieira (2017): reflexão linguística, variação e mudança, e norma. A proposta que delineamos percorre esses três eixos de forma integrada: ao analisar os valores modais de *ter de* e *haver de*, promovemos reflexão linguística; ao discutir as diferenças de registro entre os dois padrões, mobilizamos o eixo da variação; e ao trabalhar com textos formais e informais, situamos a norma culta como uma entre outras variedades funcionalmente pertinentes. O diagnóstico realizado por Vieira (2018) sobre o tratamento do componente gramatical nos materiais didáticos — que tende a privilegiar a metalinguagem em detrimento da reflexão sobre o uso — reforça a necessidade de propostas como

esta, que deslocam o foco do rótulo para a função.

Seguindo a tipologia proposta por Bispo, Cordeiro e Lucena (2022), esta proposta se situa na segunda fase do movimento funcionalista em interface com o ensino — a das sugestões metodológicas fundamentadas na descrição linguística —, projetando-se em direção à terceira fase, a intervencionista, cuja consolidação depende da aplicação das atividades em contextos reais de sala de aula. As atividades estão projetadas para um conjunto de 6 a 8 aulas e destinam-se a turmas do Ensino Médio, preferencialmente do segundo ou terceiro ano.

### **5.2 Etapa 1 – Sensibilização: percebendo as construções em textos reais**

A sensibilização tem como objetivo que os estudantes reconheçam as construções [*ter de infinitivo*] e [*haver de infinitivo*] em textos autênticos, identificando sua recorrência em diferentes gêneros e notando, de forma intuitiva, diferenças de sentido e registro.

#### **Atividade 1.1 – Leitura e discussão: “O que essas frases têm em comum?”**

O professor distribui ou projeta os seguintes enunciados reais e propõe discussão em grupos:

- (a) Não tem jeito. **Tem de ser feita** uma previsão de vendas. Uma expectativa de vendas. Não há negócio sem uma expectativa de vendas. [Corpus do Português – Santos, 2023]
- (b) O partido que tiver as contas rejeitadas **terá de pagar** uma multa, mas continuará recebendo verba do Fundo Partidário. [Corpus do Português – Santos, 2023]
- (c) Boa viagem pra ti, Diego! Um dia ainda **hei de ver** os bonecos gigantes de Olinda e ouvir frevo e maracatu in loco... [Corpus do Português – Santos, 2023]
- (d) **Há de dar tudo certo** na tua vida daqui pra frente. [Corpus do Português – Santos, 2023]
- (e) A oposição ainda **há de se desculpar** pelo que fez enquanto governou o país. [Corpus do Português – Santos, 2023]

Questões para discussão oral:

- (i) O que é comum à estrutura gramatical de todas essas frases?
- (ii) Em quais delas o sujeito é obrigado a fazer algo? Em quais ele quer/deseja fazer algo?
- (iii) Há diferenças de "tom" ou de "formalidade" entre as frases?

Essa atividade introdutória permite que os estudantes articulem, de forma reflexiva e a partir de sua própria competência como falantes do PB, percepções sobre as diferenças funcionais entre

---

as duas construções — antes de qualquer sistematização formal.

### ***Atividade 1.2 – Busca orientada em textos de circulação real***

Os estudantes são solicitados a buscar, em textos de gêneros de sua escolha (páginas de notícias, redes sociais, letras de música, série de televisão, conversa em WhatsApp), pelo menos três exemplos de cada padrão construcional. Os exemplos são registrados em fichas individuais, com indicação do gênero e do contexto de uso. Em aula posterior, as fichas são compartilhadas com a turma e o professor promove discussão coletiva: há diferenças sistemáticas nos gêneros em que cada construção aparece? Qual é mais frequente? Em quais contextos *haver de* é especialmente marcado ou expressivo?

### ***5.3 Etapa 2 – Análise: investigando os valores modais***

A etapa de análise tem como objetivo desenvolver a consciência metalinguística dos estudantes por meio de atividades que os levem a identificar, contrastar e classificar os valores semântico-pragmáticos das construções em contexto.

### ***Atividade 2.1 – Identificação e classificação dos valores modais***

O professor apresenta uma tabela com oito frases (quatro de cada padrão) extraídas de textos autênticos e solicita que os estudantes: (i) identifiquem qual padrão está sendo usado; (ii) classifiquem o valor modal predominante (obrigação, necessidade, desejo, crença/suposição, compromisso moral); e (iii) justifiquem sua escolha com base em elementos do contexto linguístico imediato. Segue o conjunto de frases proposto:

**(13)** *Seu bebê terá de ser transportado em um bebê conforto a partir do momento em que deixar o hospital.* [Corpus do Português – Santos, 2023]

**(14)** *Tive de fazer muitas escolhas profissionais complicadas e me dedicar ao máximo para alcançar meu objetivo.* [Corpus do Português – Santos, 2023]

**(15)** *Este ano, decidi que eu havia de fazer algo concreto, e como sou acostumada a fazer eventos e brechós, achei que um brechó beneficente seria algo sólido.* [Corpus do Português – Santos, 2023]

**(16)** *Quem rouba, engana, ludibria, um dia há de pagar por os crimes cometidos, seja pela*

---

*justiça divina, seja pela justiça dos homens.* [Corpus do Português – Santos, 2023]

**(17)** *O pai de algum menino há de ter um [Corolla] na garagem, não é?* [Corpus do Português – Santos, 2023]

**(18)** *A felicidade perfeita / Não haverá de visitar-nos amanhã / A menos que nossos corações / Repousem hoje nela.* [Corpus do Português – Santos, 2023]

A análise dessas ocorrências permite evidenciar: em (13) e (14), os usos de “terá de” e “tive de” expressam obrigação externa — a necessidade é ditada por norma ou por circunstâncias fora do controle do sujeito. Em (15), “havia de fazer” configura uma obrigação íntima, um compromisso que a falante assume voluntariamente consigo mesma. Em (16), “há de pagar” carrega sentido de imprecisão/previsão moral: o falante não está afirmando o que deverá ser feito, mas expressando sua crença/desejo de que a punição ocorra. Em (17), “há de ter” funciona como suposição epistêmica — é provável que haja. Em (18), “haverá de visitar-nos” surge num texto poético, com sentido de futuridade e inevitabilidade, criando efeito estilístico específico.

## **Atividade 2.2 – Substituição controlada: quem pode substituir quem?**

O professor apresenta pares de frases e propõe as questões:

**(A)** *Tenho de agradecer a essa revista pelo privilégio de participar.* [Original com ter de]

**(A')** *Hei de agradecer a essa revista pelo privilégio de participar.* [Substituição por haver de]

Questões: A substituição foi possível? O sentido mudou? Em qual versão o sentido de obrigação parece mais imposto por circunstâncias externas? Em qual parece mais expressivo de uma atitude interna do falante?

**(B)** *A oposição ainda há de se desculpar pelo que fez.* [Original com haver de]

**(B')** *A oposição ainda tem de se desculpar pelo que fez.* [Substituição por ter de]

Questões: A substituição é adequada? O sentido muda? Qual versão soa mais neutra? Qual parece expressar mais a opinião/desejo do falante?

**(C)** *Meu filho tem de passar no vestibular.* [Enunciado de intuição com ter de]

**(C')** *Meu filho há de passar no vestibular.* [Enunciado de intuição com haver de]

Questões: Os dois enunciados podem ocorrer numa mesma situação informal — por

exemplo, numa conversa entre duas amigas? O que muda de um para o outro: a formalidade ou o sentido? Em qual deles se expressa a obrigação de o filho ser aprovado? Em qual se expressa o desejo de que isso aconteça?

Essa atividade de substituição controlada permite que os estudantes percebam empiricamente a não-intercambialidade plena entre os dois padrões e desenvolvam intuições precisas sobre as diferenças semântico-pragmáticas. O par (C)/(C'), em particular, permite desmitificar o senso comum de que a diferença entre ter e haver se restringe ao grau de formalidade: numa mesma situação informal, a escolha de um ou de outro padrão altera o sentido do enunciado — obrigação ou desejo —, evidenciando a especialização volitiva de [haver de infinitivo]. O professor pode sistematizar os resultados em quadro colaborativo construído com a turma.

### **Atividade 2.3 – O "tom" de haver de: de obrigação a expressão poética**

Esta atividade explora o espectro de usos de [*haver de infinitivo*], do mais deontico ao mais epistêmico/volitivo. O professor apresenta uma série de ocorrências ordenadas ao longo desse espectro e solicita que os estudantes as posicionem em uma escala de "obrigação mais objetiva" a "expressão mais subjetiva":

- (i) A Constituição **houve de ser submetida** ao dinamismo de cronologias e desafios cada vez mais velozes. [valor deontico-objetivo]
- (ii) A oposição ainda **há de se desculpar** pelo que fez. [valor deontico-subjetivo]
- (iii) Um dia ainda **hei de ver** os bonecos gigantes de Olinda. [valor volitivo]
- (iv) **Há de dar** tudo certo na tua vida daqui pra frente. [valor volitivo-epistêmico (chunk)]
- (v) A felicidade perfeita / Não **haverá de visitar-nos** amanhã. [valor epistêmico-poético]

Essa atividade evidencia que o mesmo padrão construcional pode produzir sentidos muito diferentes dependendo do contexto, do gênero e das marcas linguísticas coocorrentes — o que é, em si mesmo, uma aprendizagem metalinguística relevante.

### **5.4 Etapa 3 – Produção: usando as construções com consciência**

#### **Atividade 3.1 – Produção de artigo de opinião com uso intencional das construções**

---

O professor propõe um tema controverso de interesse dos estudantes — por exemplo: punição de crimes ambientais, uso de inteligência artificial no trabalho, obrigatoriedade do voto. Os estudantes devem produzir um artigo de opinião em que usem, de forma intencional e justificada, pelo menos uma ocorrência de cada padrão construcional. Na revisão dos textos, uma atenção especial é dada ao uso das construções: elas foram empregadas com o sentido adequado ao propósito argumentativo do texto? *Ter de* e *haver de* foram usados de forma diferenciada, refletindo as distinções identificadas nas etapas anteriores?

### **Atividade 3.2 – Reescrita com mudança de registro**

Os estudantes recebem um texto informal (mensagem de WhatsApp ou comentário em rede social) com ocorrências de [*ter de infinitivo*] e são solicitados a reescrevê-lo em registro formal, como um texto de reclamação ou solicitação. Inversamente, recebem um texto formal com [*haver de infinitivo*] e são solicitados a reescrevê-lo de forma mais informal. Após a reescrita, comparam as versões: houve substituição das construções? Qual foi o efeito?

### **Atividade 3.3 – Análise de debate: o que os verbos revelam**

Para contemplar a dimensão oral, propõe-se a gravação ou a transcrição de um trecho de debate — pode ser da turma ou de um debate público disponível na internet. Os estudantes formam grupos, cada qual responsável por identificar ocorrências das construções modalizadoras em seu trecho. Em plenária, discutem: quando o debatedor usa *ter de*, o sentido é de imposição de regra externa? Quando usa *haver de*, há uma carga maior de convicção pessoal? Que efeitos retóricos o uso dessas construções produz no debate?

Essa atividade integra a análise linguística ao desenvolvimento da competência de escuta ativa e análise discursiva, alinhando-se, também, às habilidades orais previstas pela BNCC.

## **5.5 Avaliação da proposta**

A avaliação da proposta deve ser processual e formativa, acompanhando o desenvolvimento

---

dos estudantes ao longo das três etapas. Os principais critérios avaliativos são:

- Capacidade de identificar as construções em textos autênticos e de indicar seus valores modais com base em evidências contextuais;
- Precisão na distinção entre os valores de *[ter de infinitivo]* e *[haver de infinitivo]*, com justificativas fundamentadas na análise textual;
- Qualidade da participação nas discussões coletivas, com argumentos ancorados nas análises realizadas;
- Uso consciente e contextualmente adequado das construções nas produções textuais escritas e orais.

A proposta não parte de provas tradicionais sobre nomenclatura gramatical. O foco recai sobre o desenvolvimento da competência linguístico-reflexiva dos estudantes, em consonância com o princípio de que a gramática na escola deve ser ensinada em função dos sentidos e dos usos, não como fim em si mesma — e em alinhamento com os eixos de reflexão linguística e variação propostos por Vieira (2017) como estruturantes para o ensino de gramática.

## 6. Considerações finais

Este artigo apresentou uma proposta didática para o ensino das construções modalizadoras *[ter de infinitivo]* e *[haver de infinitivo]* no Ensino Médio, fundamentada na Linguística Funcional Centrada no Uso e nos princípios da Gramática de Construções. Partindo de ocorrências reais extraídas do *Corpus do Português*, a proposta oferece atividades organizadas em três etapas que buscam desenvolver a consciência metalinguística dos estudantes e ampliar seu repertório gramatical-comunicativo.

A análise empreendida demonstrou que, embora *[ter de infinitivo]* e *[haver de infinitivo]* pertençam ao mesmo esquema construcional abstrato [V1AUX Prep V2INF] e compartilhem o campo deôntico de obrigação/necessidade, elas se distinguem em graus de subjetividade, registros de uso e possibilidades semântico-pragmáticas. *[Ter de infinitivo]* especializa-se na obrigação de natureza objetiva ou externa, enquanto *[haver de infinitivo]* apresenta maior polissemia, abrangendo valores deônticos, epistêmicos e volitivos, com especialização na expressão da modalidade volitiva — função em que se mostra particularmente produtivo, inclusive em contextos

---

informais.

Do ponto de vista teórico-pedagógico, o trabalho corrobora a pertinência da interface entre o funcionalismo linguístico e o ensino de língua portuguesa, conforme demonstrado por Bispo, Cordeiro e Lucena (2022). A articulação com os três eixos pedagógicos propostos por Vieira (2017) — reflexão linguística, variação e norma — e com o diagnóstico sobre o tratamento do componente gramatical nos materiais didáticos (VIEIRA, 2018) evidencia que a proposta aqui desenvolvida responde a demandas pedagógicas concretas e bem documentadas. A abordagem centrada no uso permite que o ensino de gramática seja, ao mesmo tempo, descritivamente preciso, pragmaticamente relevante e pedagogicamente motivador.

Como encaminhamentos futuros, sugere-se a aplicação desta proposta em contextos reais de sala de aula e a investigação de seus efeitos sobre o desenvolvimento da competência metalinguística dos estudantes. Seria igualmente produtivo expandir a proposta para outros padrões subesquemáticos da construção [V1AUX Prep V2INF] — como [*estar para infinitivo*] e [*ficar de infinitivo*] —, a fim de que os estudantes possam compreender a rede mais ampla de construções modalizadoras do PB da qual esses padrões fazem parte.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. *As perífrases verbais em português*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1978.
- ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. da S.; LUCENA, N. L. Funcionalismo linguístico e ensino de português: convergências, possibilidades e prática docente. *Revista do GELNE*, v. 24, n. 1, p. 192-207, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/29367/16026>>. Acesso em 18 fev. 2026.
- BISPO, E. B.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Não tomar partido é tomar partido: chunks e ensino de língua portuguesa. In: OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. (Orgs.). *Discurso e gramática: entrelaces e perspectivas*. Curitiba: CRV, 2022. p. 137-158.
- BISPO, E. B.; SANTOS, L. T. Fatores semânticos, sociointeracionais e cognitivos da construção modalizadora com ficar de + infinitivo. *Odisseia*, v. 4, p. 111-131, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/18529/12250>>. Acesso em 29 mar. 2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
-

COATES, J. *The semantics of the modal auxiliaries*. London: Croom Helm, 1983.

COELHO, I. L. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma análise sóciofuncional*. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/78152>>. Acesso em 22 fev. 2026.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DEREWIANKA, B.; JONES, P. *Teaching language in context*. 2. ed. Melbourne: Oxford University Press, 2016.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language: diachronic evidence from Romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: EDUFRRN, 2016.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. (Ed.). *Discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979. p. 213-241.

HOPPER, P. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, P. Emergent grammar and the a priori grammar postulate. In: TANNEN, D. (Ed.). *Linguistics in context*. Norwood: Ablex, 1988. p. 117-134.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 2. Stanford: Stanford University Press, 1991.

MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. Ter e haver na Bahia, séculos XIV-XVI. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Orgs.). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 237-258.

---

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 199-226.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, L. T. *Abordagem funcional centrada no uso da construção modalizadora [V1AUX + Prep + V2INF]*. 233f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFRN: Natal-RN, 2023.

SCHLEPPEGRELL, M. J. *The language of schooling: a functional linguistics perspective*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2004.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática: ensino plural*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEIRA, S. R. Três eixos para o ensino de gramática. In: VIEIRA, S. R. (Org.). *Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas*. Rio de Janeiro: Letras UFRJ / FAPERJ, 2017, v. 1, p. 64-82.

VIEIRA, S. R. O tratamento do componente gramatical nos cadernos pedagógicos da rede municipal de ensino: breve diagnose. In: VIEIRA, S. R. (Org.). *Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas*. Rio de Janeiro: Blucher Open Access (FAPERJ), 2018.

---